

Trilhas de um espaço de pesquisa: o GT Epistemologia da Comunicação da Compós¹

Rutas de la investigación epistemológica: el GT Epistemología de la Comunicación de la Compós

Epistemological Research Trends: the Compós' Epistemology working group

Luis Mauro Sá Martino²

Resumo *O que vem constituindo uma questão epistemológica em Comunicação? Este texto delinea algumas trilhas do Grupo de Trabalho Epistemologia da Comunicação da Compós. Foram analisados resumos e bibliografias de 126 artigos apresentados entre 2001 e 2013, observando temas e referências empregadas. Notou-se uma concentração de pesquisas em torno do fundamento de teorias específicas, seguida pela discussão das fronteiras da área, seus métodos, objetos e autores. As referências indicam diversidade, com autores oriundos de todo o campo das Humanidades. O texto trabalha uma tensão entre a riqueza da pluralidade conceitual e a dispersão epistemológica da área.*

Palavras-chave: *Epistemologia; Teoria da Comunicação; Pesquisa; Compós*

Resumen *El debate epistemológico es uno de los principales temas del área de la comunicación. Pero, en efecto, ¿qué constituye una “cuestión epistemológica”? Este artículo bosqueja el problema a partir de las principales tendencias de investigación del Grupo de Trabajo “Epistemología de la Comunicación” de la Compós. Han sido analizados 126 artículos presentados entre 2001 y 2013, observando las temáticas y referencias empleadas. Se notó una concentración de*

¹ Uma versão anterior deste trabalho foi apresentada ao Grupo de Trabalho Epistemologia da Comunicação do 23^o Encontro da Compós, Belém-PA, 27 a 30 de maio de 2014. O autor agradece aos participantes do GT pelas críticas e comentários a respeito do texto.

² Doutor em Ciências Sociais pela PUC-SP. Docente no Programa de Mestrado em Comunicação na Contemporaneidade na Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, SP, Brasil. e-mail: lmsmartino@gmail.com.

investigaciones en torno del fundamento de teorías específicas, seguida por la discusión de las fronteras del área, sus métodos, objetos y autores. Las referencias de los artículos apuntan hacia un alto grado de diversidad conceptual – más de la mitad de los autores son citados apenas una vez. El texto discute tales resultados identificando una tensión entre la riqueza de la pluralidad epistemológica y los riesgos de una excesiva dispersión en el área evidenciados en el espacio de discusión acerca de la epistemología.

Palabras-clave: Epistemología; Teorías de la Comunicación; Investigación; Compós

Abstract *This paper investigates some epistemological trends in Communication Research as discussed at Compós' Communication Epistemology Working Group. It analyzes the abstracts and bibliography of 126 papers from 2001 to 2013. Results show that the main issue are the grounds of communication theories, followed by discussion of the area borders, the concept of 'communication', research questions concerning methods and objects, authors, case studies and interfaces with other areas. These findings, framed in a theoretical and historical background, suggests a tension between the richness of epistemological plurality and the risks of dispersion.*

Keywords: Epistemology; Communication Theory; Research; Compós

Data de submissão: 31/5/2014

Data de aceite: 4/8/2014

Introdução

A institucionalização da área de Comunicação no Brasil parece ter sido sempre acompanhada, em uma relação dinâmica e complexa, de questionamentos epistemológicos a respeito das modalidades de sua constituição e limites. Instituída e normatizada, em sua origem, por moções políticas, a constituição dos fundamentos teóricos e conceituais da área se deu ao longo do tempo – vejam-se as discussões feitas por Barbosa (2002), M. V. Lopes (2003), Mattos (2006) e L. M. Martino (2011a).

Essas discussões se multiplicaram na última década, em locais discursivos dedicados ao assunto. Publicações incluem, em uma enumeração incompleta, Lopes (1997), Santaella (2003), Cohn et al. (2001), Weber, Hohfeldt e Bentz (2002), Lopes (2003) e Ferreira (2003). Além de inúmeros artigos em periódicos acadêmicos, foram publicados números especiais das revistas *Matrizes* e *Ciberlegenda* sobre o tema e uma publicação exclusiva sobre o assunto: “Questões Transversais”. Institucionalmente, podem-se mencionar a rede Crítica Epistemológica/Procad (Unisinos, UFG e UFJF) e grupos de pesquisa sobre o tema na USP, na Unisinos e na Cásper Líbero.

Ao pensar a epistemologia da Comunicação, não se deixa de lado esse contexto de institucionalização das discussões, entendendo-se por “institucionalização” a vinculação dos debates a espaços discursivos relativamente autônomos nos quais circulam essas proposições – vejam-se, por exemplo, procedimentos metodológicos de Braga (2010b, 2010c), a partir dos quais este é parcialmente arquitetado, ou os levantamentos de L. C. Martino (2007) e L. M. Martino (2011a). A observação das proposições oferece um índice da vinculação de determinados enunciados ao discurso da Epistemologia da Comunicação.

Este trabalho delinea algumas das principais trilhas de pesquisa teórica em comunicação tal como se apresentam em treze edições do Grupo de Trabalho “Epistemologia da Comunicação”, da Compós. O *corpus* é composto dos 126 resumos e bibliografias de textos apresentados no GT durante esse período, disponíveis no *site* da Compós. Entende-se que esse espaço discursivo permite observar questões dessa natureza.

Trata-se de um levantamento a partir do qual se podem tecer reflexões, evitando qualquer pretensão de validade imediata ancorada em dados numéricos – que aparecem aqui antes como “pretextos”, no sentido dado por Bachelard (1977), do que como afirmações ou certezas.

Uma inquietação na origem deste texto pode ser formulada em termos de pensar o que são “questões dessa natureza”. Uma maneira de responder é observar o que vem sendo considerado como tal. Isso permite formular a questão em outros termos: quais proposições e discussões vêm se constituindo como questões epistemológicas da área? Foram endereçadas ao *corpus* duas perguntas: a) A partir de onde, de quais pensadores, escolas ou conceitos, os textos são construídos? b) Quais são as principais temáticas e o que elas indicam sobre os rumos epistemológicos da área?

A proposição de um texto que discute um espaço do qual se participa busca sublinhar que a discussão proposta não acontece “de fora”. Ao contrário, é compartilhando situações, dinâmicas e questões que se procura uma compreensão dialógica. A formação dos espaços discursivos não deixa de estar, ela mesma, ligada a um discurso. É como participante da formulação desse discurso que se trabalha aqui.

Não cabe, por razões de espaço, o exame do contexto social e midiático circundante das edições do GT, mas deve-se ter em mente a relativa autonomia desse espaço. As enunciações seguintes têm como objetivo compreender a dinâmica das “proposições que circulam” (Ferreira, 2012) a respeito da Epistemologia da Comunicação.

Levando em consideração os riscos e problemas de toda e qualquer taxonomia, no sentido de poderem potencialmente forçar uma realidade dinâmica, plural e complexa dentro de pequenos espaços previamente dotados de um sentido classificatório, seria questionável, de antemão, uma tentativa de localizar traços comuns e diferenças entre os trabalhos. No entanto, é possível igualmente pensar que, como afirma Foucault (2009), a constituição de um espaço de saber se dá, entre outros fatores, nos traços articulados entre enunciados que formam um discurso específico.

Com essa ressalva em mente, procuraram-se delimitar temáticas comuns, procedimento a partir do qual se chegou à proposição da tentativa

de um agrupamento dos trabalhos apresentados como ponto inicial de outras considerações.

A variedade de referências: a partir de onde se pensa a epistemologia?

Um índice das questões epistemológicas da área, tal como se apresentam nas discussões do GT, refere-se às matrizes de discursos teóricos. Com isso em vista, em termos metodológicos, optou-se por um levantamento da bibliografia citada em todos os artigos. E cabe, justamente, uma ressalva quanto à sua validade. A aferição dos lugares de fala a partir das citações de outros autores permite formar um índice a partir da materialidade desse discurso na escrita dos textos – as citações podem ser enumeradas.

Todavia, dois cuidados precisam ser tomados na observação.

A quantidade de vezes em que um autor aparece não pode ser tomada como um retrato de sua apropriação, posto que a divisão não é horizontal, isto é, pelo número de artigos em que é citado, e um autor pode ter diversas obras citadas em apenas um artigo. A apropriação dessas matrizes, isto é, a maneira como esses autores são discutidos, escaparia ao foco deste trabalho. No entanto, por se tratar de um índice para referência, não se busca aqui esse tipo de precisão na menção aos autores, o que leva à segunda ressalva: são examinadas as menções conceituais exclusivamente enquanto materializadas nas referências. Buscam-se aqui “rastros”, no sentido de Ferrara (2014, p. 8), ao indicar que “os rastros referem-se, simultaneamente, ao presente observado e às perguntas feitas ao mesmo objeto no passado”.

De um total de 819 autores citados no conjunto de artigos examinados, 559 (68%) são referenciados uma única vez. No outro extremo, de 38 autores há dez ou mais referências, dos quais oito (Braga, Ferrara, Marcondes Filho, Lopes, Ferreira, Pimenta e Signates) têm várias participações no GT, o que pode indicar o debate dos textos lá apresentados.

Observando-se os autores com dez ou mais citações, percebe-se imediatamente a referência a discursos de inúmeras áreas (descontando-se os autores vinculados ao próprio GT). Embora seja temerário

reduzir a complexidade da obra de um autor a rótulos derivados de espaços de disciplinarização dos saberes, pode-se, apenas a título de referência, observar a pluralidade de origem dos discursos apropriados na discussão epistemológica da Comunicação. Há, assim, autores vinculados à Filosofia (Habermas, Adorno, Foucault, Deleuze, Latour, Peirce, Baudrillard, Debord), à Sociologia (Adorno, Bourdieu, Bauman, Goffman, Giddens, Luhmann), à Semiótica (Peirce, Lotman, Santaella, Greimas), à Psicologia e Psicanálise (Bateson, Magno), aos Estudos Culturais (Hall, Thompson, Williams) e à Teoria da Mídia (Flusser, McLuhan).

Alguns questionamentos podem ser levantados a partir desse indicador. Na medida em que uma parcela considerável das referências utilizadas para a interlocução epistemológica da Comunicação é oriunda de outras áreas, em que medida se está trabalhando com um objeto propriamente comunicacional? Em termos disciplinares, em que medida se está fazendo uma “Teoria da Comunicação” e não uma “Sociologia da Comunicação” ou “Filosofia da Comunicação”? Não que se questione, em si, a validade dessas duas propostas. No entanto, em que medida se pode falar de uma “Teoria da Comunicação” se os discursos em circulação estão dirigidos, ainda que apenas originalmente, ao estudo de vários outros objetos, mas não especificamente à “comunicação”?

Essa característica remete a outra questão: qual autor não cabe nas discussões da área? A dispersão e a referência a autores originalmente de outras áreas permitem questionar em que medida, se alguma, é possível encontrar os parâmetros que de alguma maneira indicassem a eventual incongruência de um autor com a Comunicação. As ambivalências da área, conforme L. M. Martino (2011a), parecem encontrar ecos na pluralidade de operadores epistemológicos da Comunicação.

Seria o caso de perguntar, embora a resposta ultrapasse os limites deste texto, se é possível falar de “diálogo”: se a área de Comunicação utiliza conceitos de outras áreas, de qual modo, se algum, a Filosofia, Sociologia ou Política aplicam conceitos oriundos da área de Comunicação? Existem, aliás, “conceitos oriundos” da área de Comunicação que possam ser apreendidos em outras áreas?

Observa-se, nesse sentido, que a “bibliografia da área”, materializada nas referências, ampara-se em um número considerável de pensadores alheios, em sua origem, à área de Comunicação. Poderia ser um indício de uma perspectiva relacional nos estudos da área, uma vez que, em sua maioria, os autores mais citados não desenvolvem trabalhos especificamente ligados a mídias ou linguagens em particular? As “linhas de força” observáveis a partir dos autores mais citados, bem como na observação completa das citações, mostram uma articulação com a própria definição da Epistemologia da Comunicação – não por acaso, algo discutido com ênfase no espaço do Grupo de Trabalho.

A variedade temática: quais são as questões epistemológicas?

No que tange às temáticas, é possível observar, em uma primeira mirada, uma classificação inicial a partir do que pode ser depreendido de seus assuntos. A proposta de uma divisão temática não procura, de modo algum, confinar a variedade de cada um dos textos examinados dentro de limites conceituais; seria no mínimo questionável reduzir um trabalho a uma única categoria. A intenção é apenas observar algum aspecto mais saliente a partir de título e resumo com vistas a delinear, mas não delimitar, certas linhas mestras presentes na discussão.

Foram trabalhadas, a partir da observação, seis principais temáticas da Epistemologia da Comunicação. Os 126 resumos de textos examinados foram divididos a partir da busca por aproximações. Certamente alguns textos estavam em interlocução com mais de uma rubrica; nesses casos, destacou-se a mais evidenciada nos títulos e resumos. Em ordem decrescente, as categorias propostas e articuladas são as seguintes:

Estudos sobre modelos, teorias e conceitos (61 trabalhos) – A busca pela compreensão das articulações internas das teorias da Comunicação ocupam praticamente a metade do espaço do GT. Esses trabalhos procuram discutir os fundamentos epistemológicos específicos das teorias, conceitos e métodos empregados como “Teorias da Comunicação”. De

certa maneira, é possível estabelecer uma correlação entre esse número e outros elementos do “sítio arqueológico” da Comunicação. Na medida em que não há consenso a respeito do que é uma “teoria da Comunicação”, talvez não seja estranho que a metade da produção de um GT seja dedicada a essa discussão. Os trabalhos, em sua maioria, dedicam-se a discutir aspectos específicos das teorias em foco, procurando problematizá-las a partir de diversos métodos.

Observa-se a construção de pontes e interfaces com teorias de outras áreas, vinculadas e problematizadas a partir da especificação de suas relações com a Comunicação. Assim, é possível observar a presença de trabalhos trazendo contribuições da psicanálise, como em Silveira (2012; 2013) ou Castro (2013); da Teoria Ator-Rede, por Holanda e Lemos (2013), além de várias explorações na Semiótica, como em Picado (2001), Ferrara (2006) e Pimenta (2007; 2013) ou dos Estudos Culturais, como em Moraes (2011).

Se a permeabilidade da área de Comunicação a discursos exógenos é uma das características mais discutidas nos debates epistemológicos, a busca pelo diálogo, em um GT dedicado à Epistemologia da Comunicação, com essas teorias sugere a pluralidade de aportes que se espelha, talvez, na polissemia de um conceito. Isso se relaciona ao próximo item.

O conceito de Comunicação (17 trabalhos) – Talvez não seja coincidência, diante da pluralidade de caminhos teóricos articulados com a área de Comunicação, encontrar como segundo tema mais discutido o próprio conceito de “comunicação”, em múltiplas perspectivas de análise. Há textos sobre isso desde o início do GT, como Machado (2001), mas nota-se uma concentração nos anos 2011-2013, com sete trabalhos apresentados – Braga (2010; 2011; 2012), Marcondes Filho (2011; 2012) e Ferrara (2012; 2013).

Esse volume de estudos sugere a alocação de uma parcela dos debates no interesse de constituir elementos para melhor compreender um conceito central da área, a partir do qual se poderiam pensar os outros aspectos de sua teorização. É possível observar, nesse sentido, um certo deslocamento parcial de estudos focados nas operacionalizações teóricas

– que não deixam de estar presentes – para a perspectiva da pergunta “o que é Comunicação”, mais do que problematizar seu objeto e/ou método – o que fica mais visível no próximo item.

Área da Comunicação (15 trabalhos) – Os aspectos de operacionalização das teorias enquanto elementos definidores do âmbito particular de ação interpretativa vinculado à “Comunicação” é o terceiro item mais presente nos trabalhos. Vincula-se ao anterior na medida em que a definição epistemológica da área passa, entre outros aspectos, pela discussão dos critérios de pertinência de conceitos e teorias. No entanto, os trabalhos aqui agrupados destacam-se pela menção explícita à discussão dos recortes da área, problematizando questões referentes a sua constituição e fronteiras.

A construção da área de Comunicação, neste item, pode ser observada, por exemplo, nas perspectivas propostas por Ferreira (2003; 2007), L. C. Martino (2004) ou França (2013), entre outros. Trata-se, nesse sentido, de pensar as relações entre epistemologia e definição de área no sentido de interrogar o que e como se está estudando, e em que medida a resposta a essas duas perguntas constituem um indício que permita inferir os recortes da área. Talvez não seja errado ver uma perspectiva subjacente de que as fronteiras institucionais da área, dotadas de “frestas”, no dizer de Ferrara (2014, p. 3), estejam relacionadas com a diferença específica providas pela delimitação de método e objeto no estabelecimento do que “pertence” e do que “não pertence” à área.

No caso dos trabalhos apresentados no GT, observa-se essa busca pela delimitação de fronteiras desde o início, com Lovisolo (2002) e Andacht (2005), estendendo-se até as perspectivas de L. M. Martino (2012), na intersecção com o espaço institucional, ou Ferreira (2012), no debate com Felinto (2011) e Pimenta (2011), pensando a área de Comunicação em tensão com ambientes digitais na cibercultura. Essa questão, uma das originárias da área, parece estar diretamente relacionada com o próximo item mais citado.

Método e Objeto (11 trabalhos) – Provavelmente uma das discussões mais antigas da área, recebe atenção nas investigações do GT, nas dis-

cussões de, entre outros, Albuquerque (2002), Rothberg (2004) e Barros (2008). Neste grupo estão os textos referentes aos problemas de definição de aspectos básicos da pesquisa na área, na medida em que o estabelecimento de método e objeto se faz na ressonância da problematização do conceito de “Comunicação” em si. O tema refere-se ao estabelecimento das possibilidades de se pensar não apenas quais são os objetos pertinentes à área, mas também as modalidades de abordagem possíveis que poderiam constituir um diálogo crítico com outras.

Estudos sobre autores (9 trabalhos) – Se pertinente, a pergunta “quem são os autores estudados na área” pode encontrar uma resposta a partir da observação deste item, no qual estão reunidas as pesquisas monográficas sobre autores. A pluralidade epistemológica da área de alguma maneira se reflete aqui, na medida em que apenas dois trabalhos, dos nove apresentados, tratam do mesmo autor. Assim como no caso das referências levantadas, a diversidade é a regra, com estudos sobre autores da Filosofia, da Sociologia e da Semiótica, como Habermas, Peirce, Hegel, Bateson, Mead, Baudrillard e Flusser, entre outros.

Estudos de caso (9 trabalhos) – O espaço do GT de Epistemologia é eventualmente ocupado por discussões sobre problemas de pesquisa específica. Assim, para mencionar apenas um, os questionamentos referentes à telenovela, no trabalho de M. I. Lopes (2008) mostram-se como problemas epistemológicos na procura de uma discussão de elaboração teórica, o que não significa, de maneira alguma, que essas discussões não permeiem outros trabalhos. O levantamento feito aqui apenas indica vinculação direta com um caso específico.

Interfaces (6 trabalhos) – As relações entre a comunicação e outras esferas da vida prática ou do saber estão presentes de maneira pontual ao longo das edições do GT. Entendem-se por “interfaces” as inter-relações da Comunicação com outros espaços do saber. No caso dos trabalhos apresentados no GT, trata-se majoritariamente das relações entre Comu-

nicação e Política, conforme desenvolvidas, por exemplo, por Signates (2005; 2011) ou, em outra perspectiva, Vizer (2005; 2006).

O panorama observado sugere a constituição de algumas temáticas que perpassam diacronicamente o GT, com maior ou menor ênfase em determinados momentos. A perspectiva com maior incidência, nesse aspecto, refere-se ao delineamento do que constitui uma “Teoria da Comunicação”, em primeiro lugar, em termos gerais, como discussão, seja das teorias apropriadas pela área, seja nos debates a respeito dessa apropriação em si.

As derivações epistemológicas

A recuperação dos aspectos epistemológicos constitutivos da área de Comunicação, a partir de suas temáticas e referências, procurou encontrar índices do cenário no qual se inscrevem as discussões do GT Epistemologia da Comunicação. Nesta parte final, procuram-se examinar algumas das ressonâncias entre ambos. A constituição das questões indica algo sobre a natureza das respostas para as quais apontam.

Quando se observam as problemáticas articuladas no espaço de discussão do GT, notam-se a busca por fundamentos e, em certa medida, a construção de um discurso metateórico e metaconceitual, dirigido à análise das teorias e conceitos em circulação na área. A busca pelos fundamentos da área, ou a procura por sua fundamentação, é um dos pontos principais observados, e isso, de alguma maneira, se define também nas discussões sobre o conceito.

Pode-se sugerir uma relação parcialmente especular entre a quantidade de discussões a respeito das teorias articuladas com a Comunicação e os problemas na definição do conceito, igualmente discutido. A multiplicidade de olhares sobre o conceito de Comunicação permite, dessa maneira, construir referenciais epistemológicos igualmente plurais no delineamento das questões – haveria, nesse caso, a possibilidade de se falar em “Epistemologias da Comunicação” no sentido em que se mencionam “Teorias” da área?

A perspectiva haurida dos resumos e referências sugere que a variedade de questões epistemológicas, em particular a discussão das teorias e autores empregados na área, refere-se a um segundo elemento igualmente presente nas discussões do GT. A formulação de uma Epistemologia da Comunicação, tal qual presente no espaço analisado, mostra em sua arquitetura a intersecção entre a discussão de autores e teorias com as ambivalências do próprio conceito de “comunicação”. Seria o caso, nesse sentido, de se mencionar a elaboração de olhares epistemológicos na direção do próprio conceito, no sentido de possibilitar a discussão de teorias, autores e métodos empregados para isso?

Nota-se, nesse aspecto, que a própria constituição do que se refere a uma “questão epistemológica” para a Comunicação deriva em alguma instância do que se entende como “Comunicação”. As ambiguidades na definição, notadas ao longo do tempo por vários pesquisadores – conforme Lima (2001) –, igualmente interferem na constituição de uma epistemologia da área. Certamente, recorda Jenkins (2010), o olhar do pesquisador é responsável pela constituição do objeto de pesquisa. No caso, o objeto “comunicação” parece se constituir na multiplicidade das possibilidades de sua formulação, bem como na de seus correlatos métodos e repertórios conceituais. Nas palavras de Ferrara (2014, p. 6), “o empírico é o território da dúvida e se confunde com as perguntas que fazemos ao objeto de pesquisa a fim de apreendê-lo na complexidade que lhe vem da observação do presente e do passado que o registrou”.

Não por acaso, o conceito de “comunicação” é um ponto de discussão presente no Grupo de Trabalho. Sua discussão, feita a partir de pontos de vista bastante diferentes, mostra múltiplas capacidades de articulação com outras áreas do conhecimento e indica a demanda de sua conceituação. O tensionamento não parece ser no sentido de se buscar uma unidade do conceito de Comunicação, mas nas possibilidades de observação de um fenômeno – a construção do objeto, neste caso, está articulada com a definição do que está sendo delimitado pelo conceito utilizado em sua referência.

Um indício dessa pluralidade é que o grupo de textos dedicados às interfaces e aos estudos de caso se articulam no sentido de incorporar

à discussão não apenas as problemáticas específicas da Comunicação, mas também as modalidades de reflexão epistemológicas vinculadas a questões pontuais, que, sem deixar de lado as vinculações particulares, buscam pensar em alguma medida seu *modus operandi* igualmente em termos de exame crítico de seus fundamentos.

Outra pluralidade refere-se às referências a partir das quais é organizada a discussão. Os mais de oitocentos autores citados mostram as possibilidades de interlocução com outras áreas do saber. No entanto, observa-se um tensionamento, nas propostas, no sentido de fazer esses autores dialogarem com a área de Comunicação, quando não com a Comunicação em suas múltiplas apropriações.

Braga (2014), em aspecto próximo, sugere a perspectiva do aforismo como uma das entradas possíveis para se pensar o conhecimento comunicacional. De fato, conforme L. M. S. Martino (2008, 2011a, 2011b), se for tomado o tensionamento de regiões diferentes de produção da área como objeto, o exame dos livros teóricos, de pesquisas empíricas e mesmo dos trabalhos de interface poderia eventualmente sugerir a esse neófito que, para estudar “Comunicação”, é necessário aprender toda uma gama de saberes correlatos que às vezes protagonizam estudos vinculados à área de Comunicação. Retomando Braga (2014, p. 14), os aforismos da área “se entretecem no corpo das ciências normais que têm se preocupado com o fenômeno comunicacional”.

É possível identificar algumas convergências – a imagem de círculos excêntricos seria talvez mais correta – no que se refere à constituição dessas discussões. Os temas e autores trazem para a discussão diferentes “modos de ver” a Comunicação, procurando pensar suas possibilidades e limites – em alguns casos, também as dimensões de sua validade. Desse modo, talvez não seja correto trabalhar a perspectiva de uma pluralidade epistemológica que não seja pensada também em termos de uma unidade na proposição das ideias no sentido de pensá-las em seus fundamentos. A multiplicidade não parece indicar dispersão, sobretudo quando se olham os trabalhos no contexto de suas proposições.

Considerações finais

A observação de um espaço de confluência e discussão crítica dos discursos teóricos na área de Comunicação parece sugerir alguma tensão entre a riqueza de abordagens proporcionada e a pluralidade de perspectivas, que, em certo limite, recorda também a possibilidade e os riscos de dispersão epistemológica na eliminação de fronteiras da própria área. No entanto, para além de uma variedade de superfície, encontram-se algumas confluências que permitem delinear quais são as questões epistemológicas da Comunicação.

Um primeiro grupo de discussões parece se desenvolver em termos de questionamentos referentes às teorias que constituem a área, bem como ao conceito de “comunicação em si”, seus métodos e objetos, bem como a articulação com outras matrizes teóricas. Essa dimensão da Epistemologia volta-se, em certa medida, para o delineamento de processos investigativos dos fundamentos da área. O centro desses questionamentos epistemológicos refere-se ao *modus operandi* dos estudos de Comunicação, tensionados a partir de problemas específicos da constituição de formas de se investigar. Assumindo também, mas não exclusivamente, a proposta de uma “investigação da investigação”, essas questões aparecem tanto em sentido reflexivo, em um diagnóstico crítico, quanto propositivo, em termos de um prognóstico das possibilidades de pesquisa.

Na área de Comunicação, o “acúmulo formidável de olhares angulados por toda uma variedade de objetivos, de objetos preferenciais, de fundamentos diversos”, como aponta Braga (2014, p. 14), apresenta-se na perspectiva desse conhecimento aforístico, no qual a dispersão e a unidade estão em contínuo tensionamento, sem desligamento ou continuidade no espaço da adjunção.

Esse eixo não está desligado de perguntas que relacionam esses problemas com a história e os desdobramentos da área de Comunicação, pensando as articulações entre os limites de investigação epistemológica e os limites de uma área do conhecimento. A discussão reveste-se de maior importância quando se leva em consideração que o reconhe-

cimento institucional dos saberes depende em alguma medida dessas definições. Pensar a Epistemologia da Comunicação é pensar também seus limites de área, sua abrangência e, em particular, quais saberes podem ou não constituí-la. Se no primeiro eixo discute-se a construção dos olhares que vão incidir sobre o fenômeno comunicacional, assim como a própria definição do que seja um “fenômeno comunicacional”, este segundo grupo procura articular essas questões com as problemáticas formativas de um conhecimento específico – não exclusivo, o que leva a um terceiro grupo.

As questões específicas de discussão de conceitos e teorias, bem como de objetos e estudos de caso, lembram que os problemas epistemológicos não acontecem fora de uma história, de um contexto de transformações sociais em um sistema econômico e político específico, que, ao colocar situações novas, abre novos horizontes para as práticas sociais humanas, dentre as quais a Comunicação. À medida que novos objetos de reflexão aparecem, demandando teorias e conceitos que permitam sua compreensão, aparece igualmente uma busca pelas fundamentações, limites e possibilidades desses referenciais. A incorporação de objetos aos estudos de Comunicação no sentido de tentar compreendê-los a partir de um ponto de vista comunicacional demanda, também, a discussão dos delineamentos do que é o comunicacional, o que remete novamente ao primeiro ponto.

Dessa maneira, as discussões epistemológicas presentes nos trabalhos analisados articulam-se, como um todo, ao redor de ao menos três elementos em intersecção constante, manifestando-se de formas diferentes a cada momento, mas sem perder o que parece ser uma interlocução constante, no cerne do que constitui uma “questão epistemológica” tal como apresentada no Grupo de Trabalho. Há uma articulação dinâmica entre os diversos espaços de pesquisa da área no sentido de sua constituição teórico-metodológica no espaço delimitado pelo GT. Espaço institucional definido para a circulação de proposições que buscam observar, entre outras coisas, a constituição dos elementos teóricos, conceituais e metodológicos da Comunicação, observa-se a elaboração de uma formação conceitual complexa e articulada entre os textos apresentados, que,

como em um holograma, se articula de maneira reflexiva e crítica com o todo da área.

Referências

- BACHELARD, G. *Epistemologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.
- BARBOSA, M. Paradigmas de construção do campo comunicacional. In: WEBER, M. H.; BENTZ, I.; HOHFELDT, A. (Orgs.). *Tensões e objetos da pesquisa em Comunicação*. Porto Alegre: Sulina, 2002.
- BOURDIEU, P. *Questions de Sociologie*. Paris: Minuit, 1980.
- BRAGA, J. L. Um conhecimento aforístico. Trabalho apresentado no 23º Encontro da Compós, Belém, maio 2014.
- _____. Disciplina ou campo? O desafio da consolidação dos estudos de Comunicação. In: FERREIRA, J.; PIMENTA, F. J. P.; SIGNATES, L. *Estudos de Comunicação: transversalidades epistemológicas*. São Leopoldo: Unisinos, 2010b.
- _____. Análise performativa: cem casos de pesquisa empírica. In: _____; LOPES, M. I. V.; MARTINO, L. C. (Orgs.). *Pesquisa empírica em Comunicação*. São Paulo: Paulus, 2010c.
- _____. LOPES, M. I. V.; MARTINO, L. C. (Orgs.). *Pesquisa empírica em Comunicação*. São Paulo: Paulus, 2010.
- COHN, G. et al. *Campo da Comunicação*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2001.
- FELINTO, E. Da Teoria da Comunicação às teorias da mídia. Texto apresentado no 20º Encontro da Compós, Porto Alegre, junho 2011.
- FERRARA, L. D'A. A comunicação: da epistemologia ao empírico. Trabalho apresentado no 23º Encontro da Compós, Belém, maio 2014.
- FERREIRA, G. M. et al. (Orgs.). *Teorias da Comunicação: trajetórias investigativas*. Porto Alegre: Editora da PUC-RS, 2010.
- FERREIRA, J. Campo acadêmico e Epistemologia da comunicação. In: LEMOS, A. et al. (Orgs.). *Mídia.br*. Porto Alegre: Sulina, 2003.
- _____. Questões e linhagens na construção do campo epistemológico da Comunicação. In: _____. (Org.). *Cenários, teorias e metodologias da Comunicação*. Rio de Janeiro: e-papers, 2007.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2009.
- JENKINS, H. *A história repensada*. São Paulo: Contexto, 2010.
- LIMA, V. *Mídia: teoria e política*. São Paulo: Perseu Abramo, 2001.
- LOPES, M. I. V. Sobre o estatuto disciplinar do campo da Comunicação. In: _____. *Epistemologia da Comunicação*. São Paulo: Loyola, 2003.
- MARTINO, L. C. *Teorias da Comunicação: muitas ou poucas? Cotia: Ateliê, 2007.*

- MARTINO, L. M. S. A ilusão teórica no campo da Comunicação. *Famecos*, Porto Alegre, n. 38, jun.-ago. 2008.
- . A influência de fatores políticos na formação epistemológica do campo da Comunicação no Brasil. Texto apresentado no I Confibercom, São Paulo, agosto 2011a.
- . A disciplina interdisciplinar. Texto apresentado no XVI Intercom Sudeste, São Paulo, 10 a 12 de maio de 2011b.
- MATTOS, M. A. Intermittências epistêmicas da Comunicação. In: PINTO, J.; SERELLE, M. (Orgs.). *Interações midiáticas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- PIMENTA, F. J. P. Jogos, redes sociais e a crise no campo da Comunicação. Trabalho apresentado no 5ª Simpósio Nacional da ABCiber, Florianópolis, UFSC, novembro 2011.
- SANTAELLA, L. *Comunicação e pesquisa*. São Paulo: Hacker, 2003.
- WEBER, M. H.; BENTZ, I.; HOHFELDT, A. *Tensões e objetos da pesquisa em Comunicação*. Porto Alegre: Sulina, 2002.

Textos do GT mencionados no artigo

- ALBUQUERQUE, A. Os desafios epistemológicos da Comunicação mediada pelo computador. Trabalho apresentado no 11ª Encontro da Compós, Rio de Janeiro, junho 2002.
- ANDACHT, F. A Síndrome de Prometeu: um obstáculo no desenvolvimento do campo da comunicação. Trabalho apresentado no 14ª Encontro da Compós, Niterói, junho 2005.
- BARROS, L. M. Os meios ou as mediações: qual o objeto de estudo da Comunicação? Trabalho apresentado no 17ª Encontro da Compós, São Paulo, junho 2008.
- BRAGA, J. L. A interação como contexto da Comunicação. Trabalho apresentado no 21ª Encontro da Compós, Juiz de Fora, junho 2012.
- . Comunicação, disciplina indiciária. Trabalho apresentado no 16ª Encontro da Compós, Curitiba, junho 2007.
- . Dispositivos interacionais. Trabalho apresentado no 20ª Encontro da Compós, Porto Alegre, junho 2011.
- . Nem rara, nem ausente – tentativa. Trabalho apresentado no 19ª Encontro da Compós, Rio de Janeiro, junho 2010.
- CASTRO, J. C. L. Questões epistemológicas em torno do uso da teoria laciana dos discursos na área de Comunicação. Trabalho apresentado no 22ª Encontro da Compós, Salvador, junho 2013.
- FERRARA, L. D'A. A comunicação entre hábito e consciência. Trabalho apresentado no 21ª Encontro da Compós, Juiz de Fora, junho 2012.
- . A epistemologia de uma comunicação indecisa. Trabalho apresentado no 22ª Encontro da Compós, Salvador, junho 2013.
- . Comunicar e semiotizar. Trabalho apresentado no 15ª Encontro da Compós, Bauru, junho 2006.
- FERREIRA, J. Algumas linhagens de construção do campo epistemológico da Comunicação. Trabalho apresentado no 16ª Encontro da Compós, Curitiba, junho 2007.
- . Campo acadêmico e Epistemologia da Comunicação. Trabalho apresentado no 12ª Encontro da Compós, Recife, junho 2003.

- _____. Proposições que circulam sobre a Epistemologia da Comunicação. Alguns saberes diferenciados possíveis em um espaço reflexivo. Trabalho apresentado no 21º Encontro da Compós, Juiz de Fora, junho 2012.
- FRANÇA, V. R. V. Crítica e metacrítica: contribuição e responsabilidade das teorias da Comunicação. Trabalho apresentado no 22º Encontro da Compós, Salvador, junho 2013.
- _____. Paradigmas da Comunicação: conhecer o quê? Trabalho apresentado no 10º Encontro da Compós, Brasília, junho 2001.
- HOLANDA, A.; LEMOS, A. Do paradigma ao cosmograma. Sete contribuições da Teoria Ator-Rede para a pesquisa em Comunicação. Trabalho apresentado no 22º Encontro da Compós, Salvador, junho 2013.
- KÜNSCH, D. A. Do conceito de um deus único e perfeito a teorias que não dialogam. Trabalho apresentado no 19º Encontro da Compós, Rio de Janeiro, junho 2010.
- LOPES, M. I. V. A telenovela como narrativa da nação. Notas para uma experiência metodológica em comunidade virtual. Trabalho apresentado no 17º Encontro da Compós, São Paulo, junho 2008.
- _____. Comunicação, disciplinaridade e pensamento complexo. Trabalho apresentado no 16º Encontro da Compós, Curitiba, junho 2007.
- LOPES, P. R. M. A música tensionada entre a logosfera e a semiosfera. Trabalho apresentado no 21º Encontro da Compós, Juiz de Fora, junho 2012.
- _____. Vidro: o grau zero da visibilidade. Trabalho apresentado no 17º Encontro da Compós, São Paulo, junho 2008.
- LOVISOLO, H. Epistemologia prática do campo da Comunicação. Trabalho apresentado no 11º Encontro da Compós, Rio de Janeiro, junho 2002.
- MACHADO, I. Comunicação, um problema semiótico? Trabalho apresentado no 10º Encontro da Compós, Brasília, junho 2001.
- MARCONDES FILHO, C. A Comunicação no sentido estrito e o Metáporo. Trabalho apresentado no 21º Encontro da Compós, Juiz de Fora, junho 2012.
- _____. De repente, o prédio falou comigo. Trabalho apresentado no 20º Encontro da Compós, Porto Alegre, junho 2011.
- MARTINO, L. C. Abordagens e representação do campo comunicacional. Trabalho apresentado no 15º Encontro da Compós, Bauru, junho 2006.
- _____. História e Identidade: Apontamentos epistemológicos sobre a fundação e fundamentação do campo comunicacional. Trabalho apresentado no 13º Encontro da Compós, São Bernardo do Campo, junho 2004.
- MARTINO, L. M. S. Do debate epistemológico à sala de aula: a disciplinarização da epistemologia no ensino da(s) Teoria(s) da Comunicação. Trabalho apresentado no 21º Encontro da Compós, Juiz de Fora, junho 2012.
- MORAES, A. L. C. Epistemologia dos Estudos Culturais: Da dialética ao materialismo cultural. Trabalho apresentado no 20º Encontro da Compós, Porto Alegre, junho 2011.
- OLIVEIRA, A. C. Comunicação e produção semiótica do sentido. Trabalho apresentado no 18º Encontro da Compós, Belo Horizonte, junho 2009.
- PICADO, J. B. Por que a Semiótica interessa às teorias da Comunicação? Trabalho apresentado no 10º Encontro da Compós, Brasília, junho 2001.

- PIMENTA, F. J. P. A máxima pragmática e a pesquisa em Comunicação. Trabalho apresentado no 22º Encontro da Compós, Salvador, junho 2013.
- . Semiótica, como teoria da representação, e o campo da Comunicação. Trabalho apresentado no 16º Encontro da Compós, Curitiba, junho 2007.
- RASLAN FILHO, G. Encruzilhadas do campo científico da Comunicação ou: em busca de uma epistemologia ontológica. Trabalho apresentado no 21º Encontro da Compós, Juiz de Fora, junho 2012.
- ROTHBERG, D. Método e objeto na pesquisa em Comunicação. Trabalho apresentado no 13º Encontro da Compós, São Bernardo do Campo, junho 2004.
- SIGNATES, L. Encontros de teoria e ética: a relação epistemológica da Comunicação e as questões éticas contemporâneas. Trabalho apresentado no 14º Encontro da Compós, Niterói, junho 2005.
- . Epistemologia da Comunicação na democracia: a centralidade do conceito de comunicação na análise dos processos políticos. Trabalho apresentado no 20º Encontro da Compós, Porto Alegre, junho 2011.
- SILVEIRA, P. M. O revirão e o ciborgue: Teoria da Comunicação e psicanálise. Trabalho apresentado no 22º Encontro da Compós, Salvador, junho 2013.
- . Poder das formações: o artista, o rei, a rainha, o quadro, o filme... Trabalho apresentado no 21º Encontro da Compós, Juiz de Fora, junho 2012.
- VIZER, E. A. Categorías compartidas entre la comunicación y el análisis social. Trabalho apresentado no 14º Encontro da Compós, Niterói, junho 2005.
- . Interfases entre procesos sociales y procesos de Comunicación. Trabalho apresentado no 15º Encontro da Compós, Bauru, junho 2006.